



Organizadoras

Priscilla Roth

Alessandra Lemma

Revisitando

“Inveja e gratidão”

PSICANÁLISE

Blucher

REVISITANDO “INVEJA E GRATIDÃO”

Organizadoras

Priscilla Roth
Alessandra Lemma

Organizadora da tradução

Nina Lira

Revisão crítica

Nina Lira e Caueh Perrella

Revisitando “Inveja e gratidão”

Título original: *Envy and Gratitude Revisited*

© 2008 Priscilla Roth e Alessandra Lemma (organizadoras)

© 2020 Editora Edgard Blücher Ltda.

All rights reserved.

Authorised translation from the English language edition first published by Karnac Books Ltd. and now published by Routledge, a member of the Taylor & Francis Group.

Imagens da capa: Julia Panadés, Mulher novoelo, nanquim sobre papel, 2015.

Blucher

Rua Pedrosa Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

Portuguesa, Academia Brasileira de Letras,

março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação
na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Revisitando “Inveja e gratidão” / organização de Priscilla Roth, Alessandra Lemma / organização da tradução de Nina Lira. – 1. ed. – São Paulo : Blucher, 2020.

384 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-036-2 (impresso)

ISBN 978-65-5506-037-9 (eletrônico)

1. Psicanálise. 2. Klein, Melanie. I. Título. II. Roth, Priscilla. III. Lemma, Alessandra. IV. Lira, Nina.

20-0439

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Conteúdo

Agradecimentos	9
Prefácio	11
<i>R. Horacio Etchegoyen</i>	
Introdução	15
<i>Priscilla Roth</i>	
1. “Ainda agora, agora, nesse instante...”: sobre a inveja e o ódio ao amor	41
<i>Ignês Sodré</i>	
2. Inveja, narcisismo e a pulsão destrutiva	65
<i>Robert Caper</i>	
3. “Inveja e gratidão”: algumas reflexões atuais	87
<i>H. Shmuel Erlich</i>	

4. Uma resposta independente a “Inveja e gratidão” <i>Caroline Polmear</i>	105
5. Sobre a gratidão <i>Edna O’Shaughnessy</i>	129
6. Mantendo a inveja em mente: as vicissitudes da inveja na maternidade adolescente <i>Alessandra Lemma</i>	149
7. A inveja na sociedade ocidental: hoje e amanhã <i>Florence Guignard</i>	173
8. Ele se sente lesado: a personalidade patologicamente invejosa <i>Ronald Britton</i>	193
9. Compulsão à repetição, inveja e pulsão de morte <i>John Steiner</i>	215
10. Perversão romântica: o papel da inveja na criação de um universo atemporal <i>Heinz Weiß</i>	235
11. A inveja e a reação terapêutica negativa <i>Michael Feldman</i>	255
12. Reflexões sobre “Inveja e gratidão” <i>Irma Brenman-Pick</i>	281
13. Invejando “Inveja e gratidão” <i>Peter Fonagy</i>	303

14. Círculos viciosos de inveja e punição	317
<i>Henry F. Smith</i>	
Referências	343
Sobre as organizadoras e os autores	363
Índice remissivo	369

1. “Ainda agora, agora, nesse instante...”: sobre a inveja e o ódio ao amor

Ignês Sodré

Tradução de Cecília Noemi Morelli F. Camargo

*Ainda agora, agora, neste instante, um velho carneiro preto
está cobrindo tua ovelha branca. Levante-te, levante-te.*

Otelo (I.i. 88-89)¹

*Visão odiosa, visão atormentadora! Assim estes dois
Emparaisados nos braços um do outro²
Do Éden mais feliz devem desfrutar o preenchimento
De ventura, enquanto eu ao inferno sou empurrado.*

Milton, *Paraíso perdido*, Livro IV, v. 505-508³

1 “Even now, now, very now, an old black ram / Is tuppung your white ewe. Arise, arise!”

2 A palavra “emparaisados” é um neologismo para expressar poeticamente o sentido de “imparadised”, que significa “sentindo-se no Paraíso” [N.T.].

3 “Sight hateful, sight tormenting! Thus these two / Imparadised in one another’s arms / The happier Eden, shall enjoy their fill / Of bliss on bliss, while I to hell am thrust.”

Otelo, a maior tragédia sobre violência doméstica, proporciona o mais poderoso exemplo da literatura de como a inveja destrutiva envolve uma situação triangular na qual o *self* invejoso é aquele atormentado que está do lado de fora e consiste em um ataque, cujo objetivo é obliterar o amor por si só. Para Iago, a visão do amor entre duas pessoas é tão insuportável, tão absolutamente atormentadora, que não pode ser permitida em sua mente. Para prevenir isso, ele precisa constantemente depreciá-la, criando uma versão obscena – que para ele é mais excitante que atormentadora – de uma relação sexual, que deve também ser projetada na mente do amante.

Otelo é atormentado por um ciúme sexual delirante que é alimentado pelas constantes projeções pornográficas de Iago; seu amor se transforma em ódio e ele comete assassinato. Mas o que a bela peça de Shakespeare nos mostra, afinal, é do que se trata o profundo desespero de Otelo: a ideia da própria bondade e do amor sendo não apenas perdidos para sempre, mas sentidos como se nunca tivessem realmente existido, o que causa seu declínio à loucura.

Neste capítulo, eu abordo a questão da triangularidade na inveja. Examino a centralidade da versão mais primitiva da cena primária, o envolvimento do ciúme nos ataques invejosos inconscientes, o papel do que Klein chama de genitalização precoce como defesa contra a inveja primária, e a questão do que é o objeto final da inveja, que eu penso ser o próprio amor. Para ilustrar estes pontos, uso como exemplo o extraordinário retrato feito por Shakespeare do funcionamento da mente de Iago.

Inveja e triangularidade

O artigo de Klein, “Inveja e gratidão”, postulando a importância da inveja como uma manifestação da pulsão destrutiva, causou uma controvérsia que continua até hoje. É um trabalho de grande complexidade e muitas de suas descobertas tornaram-se definitivas para o entendimento da mente. Klein diz que “A inveja é o fator mais importante para a ruína dos sentimentos de amor e gratidão já em sua raiz, uma vez que ela afeta a relação mais precoce de todas, aquela com a mãe” (Klein, 1991[1957], p. 207). E “considero que a inveja é uma expressão sádico-oral e sádico-anal de impulsos de destruição, em atividade desde o começo da vida, e que tem base constitucional” (p. 207). Essas ideias, derivadas do conceito de pulsão de morte, inevitavelmente causam resistência: é doloroso conceber um desejo inato de destruir o que é bom, por causa – e não a despeito – da sua bondade. Klein via a evidência de tal destrutividade em seu trabalho clínico com adultos e com crianças e enfatizou isso em seu trabalho publicado. Ela também enfatizou um fato que talvez não seja suficientemente levado em consideração nos debates controversos – o tamanho do sofrimento que esses estados de mente destrutivos causam no sujeito, e sua crença de que esse sofrimento agudo poderia ser diminuído por meio da interpretação. A interpretação da inveja propunha-se a aliviar o sofrimento, levando à maior integração e ao fortalecimento do ego – embora, certamente, a percepção ligada ao reconhecimento de um desejo em si mesmo de atacar a bondade não deixe de ser extremamente dolorosa. (De alguma forma, a necessidade de frisar a inveja como uma parte essencial da natureza humana levou a um uso exagerado das palavras “inato” e “constitucional” ligadas à inveja, de um modo que penso ter acabado por se tornar inútil – como se uma condenação extra estivesse ligada a ela: afinal, nós não falamos de ciúme inato ou complexo de Édipo inato – nós apenas

assumimos que estes são todos parte da natureza humana. As emoções conflitantes com que todos nós nascemos, como a maior parte dos analistas concordaria, são o amor e o ódio; o que é controverso é a questão da destrutividade – como oposta à agressão.)

A questão teórica de se a inveja envolve uma forma primitiva de triangularidade é, até certo ponto, complexa. No caso da pequena Erna, descrito pela primeira vez em 1924, Melanie Klein (1932) confere bastante importância à inveja oral da cena primária. A experiência de Erna de ser atormentada pela cena primária é central para sua psicopatologia: “sua inveja oral das gratificações genitais e orais que ela imaginava que seus pais estivessem desfrutando na relação sexual provou ser a mais profunda base de seu ódio” (1932, p. 46). “Erna acreditava que qualquer expressão de ternura de sua mãe para com seu pai tinha um propósito principal, que era despertar a inveja dela (criança) e ferir, seus sentimentos” (p. 39); e quando ela brincava de ser a mãe, ela deixava claro que “a ternura era um fingimento”.

Petot (1993), em sua erudita exposição da teoria kleiniana, faz um excelente trabalho de desenredar as várias mudanças e desenvolvimentos na teoria da inveja desde 1928, que culmina em “Inveja e gratidão”; embora não haja espaço aqui para descrevê-lo em função do propósito deste capítulo, é importante ter em mente que, para Klein, “a inveja nasce da lacuna entre a expectativa gananciosa que acompanha a fantasia de um seio inexaurível e a realidade que inevitavelmente traz privação” (Petot, 1993, p. 212). O ataque invejoso tem como objetivo suprimir – “nas e por meio das fantasias onipotentes *a intolerável bondade do seio que frustra*” (p. 215, grifo meu).

[I]nveja refere-se a uma situação diádica, enquanto o ciúme pode aparecer somente em um relacionamento

envolvendo o sujeito e dois objetos. Inveja, então, aparece mais cedo do que esta situação triangular, já que esta última é a condição da transformação de inveja em ciúme. Mas, a noção kleiniana de inveja é inseparável de uma forma mais precoce de situação triangular, que concerne não a relações entre dois objetos, mas ao conflito com o objeto que está centrado em uma terceira coisa. (Petot, 1933, p. 217, grifo meu)

Essa terceira coisa é *um objeto parcial imaginário*, uma constante dentro da mãe (o pênis do pai). Relacionar isso aos pais combinados não muda a ideia significativamente: trata-se dos dois pais combinados, usufruindo um do outro e de seus conteúdos, privando a criança. Mas, para começar, “é porque a relação com o seio já é triangular num certo sentido, que o sentimento de frustração pode despertar” (p. 219).

Essa triangulação é discutida por Riviere em seu trabalho de 1932 no qual ela analisa “a fantasia dominante” de uma paciente patologicamente ciumenta:

Isto consiste em um impulso ou ato de uma parte do paciente apossando-se e obtendo de alguma outra pessoa algo que ela deseja muito, assim roubando e despojando-a (o). Em sua fantasia, tal ato ou impulso pressupõe uma “situação triangular”, nem sempre no sentido de que duas outras pessoas ao lado dela própria fossem necessárias para preencher estes requisitos; pelo menos dois objetos seriam essenciais para isso. (Ambos os objetos podem ser pessoas ou um poderia não ser). (Riviere, 1952, p. 107)

A “busca” ou a “perda” (do amor) pode ser rastreada até a inveja oral e até a privação do seio ou do pênis do pai (como um objeto oral)... Esta... [é a] base para um agudo e desesperado sentido de falta e perda, de extrema necessidade, de vazio e desolação sentida pelo ciumento no triângulo. (p. 112)

Como conceitualizar a forma mais primitiva de inveja, como imaginar a criança neste estado de mente? Petot assinala que o conceito de inveja inata aparece relacionado com a ideia de pre-concepção de um seio bom (algo que existe como dado para satisfazer todas as necessidades e desejos): “Melanie Klein afirma que a criança suspeita que o seio tome para si mesmo seu leite e seu amor, mas nunca se preocupou em explicar a formação desta crença” (Petot 1993, p. 217). Para ele, a ideia é que, ao contrário de outras versões do seio, essa crença acontece sem projeção. Isso não parece realmente possível – um seio que toma tudo para si mesmo é necessariamente mau e deve ser criado pela projeção da possessividade da criança. Eu suspeito que a falta de clareza sobre a conceitualização deste processo fazia parte da necessidade de tornar a inveja “mais livre” da influência da experiência e, portanto, mais apropriada para ser a principal representante da destrutividade. No entanto, não acredito que isso funcione.

O único modo que posso pensar isso é supondo que a inveja surja no momento que aparece um senso de separatividade, sendo que até esse momento, o seio e o bebê são o mesmo; quando há um sentido de bebê olhando desde fora, então é possível imaginar uma bondade como pertencendo ao seio e não ao bebê. Eu penso que pode ser o momento no qual o seio cessa de *ser* a bondade e se torna algo que *tem* a bondade, como uma posse (somente então é concebível um “toma tudo para si mesmo”). Nesse momento, o amor cessa de ser um estado total de felicidade infinita e se torna

uma substância (um terceiro) que flui entre uma pessoa e a outra. Nesse momento, a generosidade pode existir, e gratidão, inveja e o ciúme também.

O amor (como o leite) é sempre alguma coisa fluida, fluindo de uma pessoa para outra, formando um vínculo vivo entre as duas; é esse vínculo que, visto pelo terceiro invejoso, é insuportável e deve, portanto, ser invejosamente abatido. O que Petot (1993) chama de “intolerável bondade do seio” deve ser fundamentalmente não só sua riqueza, mas sua generosidade: a disposição de compartilhar estas riquezas precisa estar conectada com a crença de que o seio será continuamente reabastecido. Mãe/analista/seio podem dar generosamente porque contêm seus próprios objetos internos, que os suprem infinitamente com bondade. O suprimento é também inexaurível (nesta versão dos fatos) por causa da mutualidade do amor entre a mãe e o bebê: é a sucção do bebê que cria mais leite, é a gratidão que cria generosidade, não apenas a generosidade que cria gratidão. O bebê separado/apartado em um estado de mente invejoso/ciumento não pode manter em seu mundo interno uma continuidade temporal da experiência de boa alimentação; uma ruptura com isso – causada por uma introjeção falha ou por frustração/privação insuportável – cria um estado de mente no qual o *self* enquanto o amado-bebê-ao-seio é percebido como *outro bebê*; então, o vínculo entre a mãe e o bebê precisa ser atacado, pois ele provoca inveja e ciúme insuportáveis. Um círculo vicioso é estabelecido porque quanto mais a parte invejosa excluída do *self* ataca o par bebê-ao-seio e mãe, mais indigno de amor ele se sente e maior a desesperança sobre a sobrevivência do amor.

O que é preservado de uma forma idealizada como amor perfeito não é necessariamente apenas oral – ainda que a união doadora de vida, mamilo-boca, seja seu vínculo mais poderoso. Klein, certamente, acreditava que o que é desejado como estado

ideal é aquele do bebê no útero – e que essa perda somente pode ser aceita pela introjeção do seio bom: “a criança que antes estava dentro da mãe, agora tem a mãe dentro dela mesma” (1991[1957], p. 178). Isso é simbolizado pela experiência com o seio, com o leite preenchendo o bebê, criando contentamento e gratidão; o que podemos chamar de “seio bom” representa a experiência total que inclui os braços da mãe, o calor de sua pele, seus olhos e sorriso, sua voz e assim por diante. (Eu não penso que o seio aqui possa ser chamado de objeto parcial; não acredito que “objeto parcial” seja uma boa descrição: se o bebê se relaciona apenas com o seio, é porque o seio e a mãe são a mesma coisa. Penso que objeto parcial deveria ser reservado para algo que seja produto da cisão, e não para o objeto original de amor e desejo; a cisão de uma parte do todo, e certamente a cisão do bom – o qual eu invisto com amor e experiencio como amoroso – e mau – que eu invisto com ódio e experiencio como odioso.)

Quando o amor dado a outro – mesmo quando o ‘outro’ é um si próprio, um momento atrás, antes da separação, ou antes da realização da separatividade – é uma “visão atormentadora”, a inveja tem que destruí-la fazendo-a não existir: o olho da mente evitará vê-la, contemplando-a como esse bem ao qual o *self* não tem acesso naquele instante, e portanto nunca terá. Como sabemos, esses estados de mente são sentidos como eternos. É a crescente capacidade para experienciar a continuidade da boa experiência na mente – quando a experiência de satisfação é sentida como continuando a existir no mundo interno (que é o que significa gratidão) – que vai assegurar que a inveja destrutiva não seja tão acirrada; é a perenidade da perda, a insuportabilidade da separatividade em oposição à temporalidade da separação, que cria a eterna presentificação da cena primária. Com o desenvolvimento, a separação será sentida como implicando em perda temporária; a perda se torna total no caso de morte do objeto, ou se o objeto é sentido como totalmente

possuído por outro. O que não pode ser “curado” no desenvolvimento posterior é a separatividade – somente a ilusão pode fazer frente a sua existência como um fato da vida. Ainda que a experiência de se apaixonar – por um amante ou um novo bebê, ou pela mãe, a bem-aventurança da fusão da experiência de amor totalmente abrangente, “emparaisados nos braços um do outro”, (ver citação anterior de Milton) – seja uma ilusão com intensidade da verdade, nós sabemos que é um estágio passageiro. Na melhor das hipóteses, a idealização será bem-sucedida pela permanência da bondade usual. O estabelecimento de um senso interno de continuidade de tempo que assegura a continuidade da identidade é um desenvolvimento essencial que tanto promove, como é confirmado pelo advento da posição depressiva: a experiência de separação e de separatividade só é suportável se o bebê frustrado for capaz de reconhecer que o satisfeito bebê-ao-seio era ele próprio no passado e, portanto, pode ser ele mesmo no futuro.

Joan Riviere diz que tudo começa com uma comparação:

Porque à medida que a necessidade de mais fica forte, comparações começam a aparecer. Agora, uma comparação entre nós mesmos e os outros não é primária, uma situação propriamente simples. Ela é, contudo, uma versão mais desenvolvida e mais complicada que a situação primária que descrevi antes, quando o bebê sente a diferença entre os estados de bem-estar propriamente agradáveis e bons e os estados e sentimentos penosos e perigosos. Todas as comparações começam com essa comparação. (Riviere, “Public Lectures”, 1937, p. 184)

A mesma experiência pode ser sentida como: o seio foi dado a outro (então raiva, inveja e perseguição); ou, era meu e eu o perdi

(tristeza, culpa, saudade e anseio); na melhor das hipóteses, eu o terei outra vez (= eu ainda sou amado).

Inveja e reação terapêutica negativa

Do ponto de vista conceitual, a mudança de “o seio *é* o bem” para “o seio *tem* o bem” (o qual pode tomar tudo para si mesmo) é uma forma de triangularidade – tanto em termos do bem se tornando uma *terceira coisa* como em termos da mãe tendo ela própria seu objeto de amor. Quando tentamos isolar a inveja, especificamente, como um objeto de estudo clínico, podemos pensar esquematicamente em várias configurações triangulares, nas quais o *self* pode experimentar ser o terceiro excluído assistindo algum formato da cena primária. Tudo isso provoca sofrimento psíquico, originando vários afetos dolorosos e causando várias manobras defensivas. No consultório, vemos isso mais claramente nas reações terapêuticas negativas que acontecem frequentemente de formas sutis, embora, às vezes, mais dramaticamente criando impasses terapêuticos. Em alguns pacientes, reações terapêuticas negativas em série parecem ser um modo de vida – que precisamos, contudo, entender como o único modo deles de sobrevivência psíquica.

Aqui, há vários triângulos possíveis:

- 1) O binômio “o seio *é* o bem” se torna o triangular “o seio *tem* o bem” e “toma-o para si mesmo” – por exemplo, o analista que está, ou é sentido como estando, narcisicamente interessado no sucesso terapêutico.
- 2) A mãe alimenta o bebê porque ela é alimentada por seu objeto interno (seio, pênis); uma versão negativa disto é o analista demasiadamente apegado à teoria.

- 3) O bebê eternamente testemunhando um intercuro parental de objeto parcial oral – o analista visto como excitado por suas próprias ideias.
- 4) O bebê observando-se ao seio não pode tolerar a separatividade e inveja o bebê e o seio juntos; isso se manifesta como uma dificuldade em permitir ao analista gostar de trabalhar com o paciente e um senso de injustiça de que “é tudo tão fácil para o analista”.
- 5) O bebê frustrado e separado observa e acha intolerável a visão de si mesmo ao seio, perde a continuidade no tempo de que o bebê-ao-seio era eu mesmo há um momento atrás com o estado presente de *self* do bebê-não-ao-seio, e vê o bebê-ao-seio como um *outro bebê*. Isso resulta em inveja de outra parte do *self* e ataca o vínculo do seio bom com o bebê satisfeito. No consultório, isso pode ser visto quando o que parece ser contato real é repentinamente quebrado, e a interpretação é tratada com desprezo. Uma atmosfera de frio cinismo se segue, o que é, afinal, um ataque à parte dependente e amorosa do paciente.

Em termos do trabalho clínico, a difamação do casal – cuidador ou parental – por meio do ataque de inveja/ciúme na ligação fluida entre eles cria um estado de mente caracterizado por cinismo, arrogância, triunfo e um desprezo pelos aspectos dependentes e vulneráveis do *self*; o amor desaparece porque ele é visto sempre como falso, com o intercuro parental visto como perverso (deliberadamente projetando inveja, e também como obsceno, por ser desprovido de amor). A defesa maníaca tem que continuar a ocultar o desespero que se segue e assim essa constelação é perpetuada.

Em pacientes mais perversos, com falta séria na estabilidade do bom objeto interno, o analista vê um negativismo quase contínuo: a mais ínfima porção de ‘insight’ começa a ser sentida somente

como uma armadilha, apresentada unicamente para dar ao analista uma esperança que pode ser instantaneamente quebrada. O paciente está, então, em uma identificação projetiva com uma mãe cruel e tantalizante, que oferece ao bebê um gosto de leite, só para ser capaz de arrastá-lo para a dependência e, portanto, para a humilhação e amarga privação. Nestes pacientes, uma situação pseudociumenta pode ser repetidamente incitada na mente, propiciando uma excitação erótica para alimentar o ataque invejoso.

Isso se relaciona a um dos pontos que eu quero ilustrar com Iago: ódio do par amoroso na cena primária leva-a a ser denegrida com desprezo e supersexualização, tornando-a obscena; isso se liga com a ideia de Klein, já presente muito cedo (na pequena Erna), mas conceitualizada mais claramente em “Inveja e gratidão”, sobre a genitalização precoce sendo tanto um resultado como uma defesa contra a inveja primária.

De acordo com Klein:

A inveja excessiva interfere na gratificação oral adequada, agindo assim como estímulo à intensificação dos desejos e das tendências genitais. Isso leva o bebê a voltar-se cedo demais para a gratificação genital, tendo como consequência que a relação oral torna-se genitalizada e as tendências genitais tornam-se demasiadamente coloridas por ressentimento e ansiedades orais . . . as tendências genitais interferem nas orais, num estágio em que os desejos orais são predominantes . . . A genitalidade baseada numa fuga da oralidade é insegura porque para ela são transportados os desapontamentos e as suspeitas ligadas à insatisfação oral prejudicada . . . Isso porque a ausência da satisfação básica

introduz elementos compulsivos nos desejos genitais e . . . pode assim resultar em que sensações sexuais entrem em todas as atividades, processos de pensamento e interesses. (Klein, 1991[1957], p. 227)

O caráter de Iago ilustra poderosamente, como muitas vezes observamos no ciúme perverso e delirante, como a erotização provê energia para contínua intrusão e ataque à cena primária. Isso significa que o que eu considero ser a conexão necessária da inveja com o ciúme tem dois lados: primeiro, que a inveja primária está sempre conectada à triangularidade e, segundo, que o ciúme sexual é desvirtuado para ajudar a prover combustível para o ataque invejoso – a erotização o aquece e fornece a excitação perversa que incrementa o poder das projeções, literalmente propelindo o *self* invejoso bem para a cena primária. (Bloom, 1999, chama Iago de “piromaniaco moral”, “ateando fogo na realidade”). Ao manter a obscena cena primária interminavelmente, tendo a excitação erótica como combustível, a “real visão atormentadora” – que é a mais invejada – é constantemente obscurecida.

A degradação do amor como uma defesa contra a inveja

Nos minutos iniciais de *Otelo*, Iago faz um ataque cruel à cena primária, transformando um casamento de amor que está prestes a ser consumado em causa para ódio e desprezo por meio do seu imaginário de bestialidade e obscenidade. O amor ideal é violentamente degradado e se torna pornografia na mente de Iago e na daqueles em que ele a projeta: neste caso, em Brabâncio, pai de Desdêmona. Mais adiante na peça, quando ele faz Cassio ficar bêbado e orquestra uma briga, ele novamente interrompe Otelo e

Desdêmona na repetida noite de núpcias, quando, tendo falhado em consumir seu casamento na primeira noite, [Iago: “*ele ainda não fez indecências com ela à noite*”] (II, ii, p. 15) eles se recolhem para a cama e são literalmente retirados dela pela interrupção. (Alguns críticos pensam que o casamento pode, de fato, nunca ter sido consumado, uma vez que, por exemplo, Otelo logicamente deveria ter percebido que Desdêmona era virgem naquele momento.) E, o clímax da peça, a terceira cena primária, é a transformação do amor apaixonado em assassinato, com Otelo corrompido pela projeção perversa de Iago, matando Desdêmona no leito matrimonial. Parece claro que Iago está determinado a destruir a cena primária amorosa causando a morte de um dos parceiros; mas, pelo fato de que aqui o objeto de seu ódio é o próprio amor, simplesmente organizar a morte de um ou ambos não seria suficiente: ele tem que destruir o amor na mente daquele que ama, transformando-o em ódio. A excitação que ganha força e resulta em assassinato é a do envenenamento e corrupção – excitação sexual perversa.

Por meio de uma exploração do caráter de Iago, quero ilustrar alguns dos elementos principais da inveja que venho descrevendo: a experiência de Iago mostra poderosamente como o amor em sua configuração original da cena primária é o provocador central de inveja e como a inveja maligna não é conscientemente experienciada como inveja, mas, como desprezo e repulsa. Podemos ver nitidamente como, no auge do ataque invejoso, a cena primária é vivida como estando permanentemente no presente – “Ainda agora, agora, nesse instante...” – e, portanto, deve ser constantemente atacada e desprezada para prevenir o *self* consciente de experienciar a “visão atormentadora” de uma união de amor que exclui o *self*.

Um dos aspectos fascinantes do complexo caráter de Iago é que, no final das contas, ele não sabe por que faz o que faz, embora esteja consciente de que está cheio de ódio e pensamentos de

vingança; ele está orgulhoso de sua maldade e sua capacidade de enganar os outros para que acreditem que ele é “sincero” (Empson, 1951). A inveja destrutiva é, por definição, inconsciente: ele não pode saber que não pode suportar a visão do amor, já que não sabe que ele existe, e o vê só como a “filha (de Brabâncio) coberta por um cavalo berbere”, “até o abraço bruto de um mouro lascivo” “fazendo a figura da besta de dois trazeiros”⁴ Ele está obcecado por suas fantasias pornográficas que são constantemente reativadas para preveni-lo de ter um vislumbre da visão que de outra forma seria insuportavelmente atormentadora.

A opinião da crítica sempre esteve dividida no tocante aos motivos de Iago: desde que Coleridge (1813) escreveu sobre a “busca de motivo da malignidade imotivada” [*of motiveless malignity*] de Iago, há, falando grosseiramente, um lado que acredita nos motivos declarados de Iago, e outro que, em vez disso, acredita que ele fabrica motivos para convencer-se a si mesmo: “Iago [é] dramaturgo de sua própria psique, como também da de Otelo” (Nuttall, 2007, p. 282). Os motivos declarados por Iago são ciúme e vingança porque Otelo escolhe Cássio como seu tenente e ele, Iago, tem que aceitar o posto inferior de segundo tenente; também o ciúme que sente de Otelo e sua esposa Emília “em meio aos seus lençóis”.

Tenho ódio ao Mouro,

Lá fora pensam que entre meus lençóis,

ele já exerceu meu ofício. Não sei se é verdade

4 “*Making the beast with two backs*”: é uma metáfora eufemística para duas pessoas ligadas em uma relação sexual. Refere-se à situação na qual um casal fica na posição em que a mulher se deita de costas e o homem fica por cima; papai-e-mamãe: a expressão é de William Shakespeare, *Otelo* (Ato 1, Cena 1, II) [N.T.].

contudo, eu, dada a mera suspeita desse tipo de ofensa, pretendo agir como se dela tivesse certeza.

(Otelo I, iii, p. 375)⁵

Ele sugere ainda um pensamento de Cassio em seu *gorro de dormir*.⁶ Esse ciúme sexual é particularmente não convincente – nada na relação de Iago com Emília o indica – e a luta pela predileção deveria ter acabado depois que ele conseguiu fazer Cassio perder o amor de Otelo e o próprio Iago tornou-se tenente. (Não há sentido de satisfação por tomar o emprego de Cássio: claramente o que ele quer não é a posição de tenente de Otelo, mas a de mestre onipotente dos pensamentos de Otelo. O rebaixamento de Cássio torna-se apenas um fato útil a ser manipulado na promoção de seu complô monstruoso.) Está claro que Iago escolhe incitar seu próprio ciúme como combustível para erotização, para aquecer a situação em sua própria mente, assim adicionando força às projeções pornográficas. A “malignidade imotivada” de Coleridge soa muito mais como inveja inata, e os críticos parecem enredados em discussões verdadeiramente controversas neste tema (ver, por exemplo, Bradley, 1904 ou Leavis, 1952). Eu penso que isso é um claro exemplo do que é visto em pacientes quando o verdadeiro ciúme, que é intrínseco à triangularidade da inveja inconsciente, é desvirtuado e transformado em um pseudociúme excitante, aumentando a força da fantasia de estar bem no meio da cena primária. Certamente é Iago quem está se projetando nos “gorros de

5 “*I hate the Moor, / And it is thought abroad that 'twixt my sheets / He's done my office. I know not if 't be true / But I for mere suspicion of the kind / Will do as surety.*”

6 No original, *night-cap*, que significa gorro de dormir: eufemismo relacionado a uma desconfiança de Iago: “Pois temo que Cássio também tenha usado meu gorro de dormir” (“*For I fear Cassio with my night-cap too*”) [II, i].

dormir” de suas marionetes e perversamente desfrutando estar “entre os lençóis deles”.

Apesar de Iago, por causa do seu frio cinismo, ser particularmente revelador sobre seus motivos perversos (ele tem oito solilóquios), ele trama a queda de Otelo desde a posição de um marionetista sádico e onipotente e é aí capturado, movendo-se “de contingência em contingência” (Wain, 1971, p. 13), nunca sabendo plenamente onde tudo isso vai dar. Ele é capturado no próprio movimento de sua trama, incita suas próprias emoções, e, como acontece na excitação perversa, é tomado por uma orgia de destrutividade.

Mas como? Como? Vejamos:

*após algum tempo, maltratar os ouvidos, sugerindo
que (ele) Cassio é íntimo demais de sua mulher*

...

O Mouro é de natureza aberta e generosa:

*Acredita ser honesto todo homem com aparência de
honesto,*

e deixa-se levar docilmente pelo nariz,

assim como são os asnos. Está concebido! Foi gerado!

*O inferno e o breu da noite deverão dar à luz do mundo
esse monstro.*

(Otelo, I, iii)⁷

7 “How? How? Let’s see. / After some time to abuse Othello’s ear / that he [Cassio] is too familiar with his wife. / . . . / The Moor is of a free and open nature, / That thinks men honest that but seem to be so, / And will be as tenderly led by th’ nose / As asses are. I have’t! It is engendered: Hell and Night / Must bring this

E agora, está claro que o “nascimento monstruoso” [*monstrous birth*] vai expulsar da existência alguém criativo e amoroso, por meio do abuso da mente de Otelo.

Otelo e Desdêmona expressam em sua linguagem e em seu contato tanto um amor à primeira vista [*coup de froude*] como um amor espiritual:

*Ela me amava pelos perigos por que eu havia passado,
e eu a amava por ter ela se compadecido de mim.*

(*Otelo*, I, iii, p. 165)⁸

*Meu coração submeteu-se
à verdadeira qualidade do meu senhor.
Enxerguei a face de Otelo em sua mente
e à sua honradez e talentosas partes,
consagrei minha alma e meu destino.*

(*Otelo*, I, iii, p. 250)⁹

*Imploro aprovação não para saciar o palato de meus
apetites, tampouco para estar de acordo com o ardor
do corpo e afetos juvenis, em prol de minha própria e*

monstrous birth to the world's light.” (Tradução para o português de Beatriz Viégas-Faria.)

8 “*She loved me for the dangers I had passed, / And I loved her that she did pity them.*” (Tradução para o português de Beatriz Viégas-Faria.)

9 “*My heart's subdued / Even to the very quality of my lord: / I saw Othello's visage in his mind, / And to his honours and his valiant parts / Did I my soul and fortunes consecrate.*”

distinta satisfação, mas sim para ser livre e generoso na mente de minha esposa.

(Otelo, I, iii, p. 265)¹⁰

Iago é tão tosco quanto é possível ser. Vemos a “atitude de Iago corroendo a raiz de todos os valores de Otelo e suas belezas; ele vai ao âmago e consome até a medula deste mundo romântico, minando a solidez do seu caminho, apodrecendo-o e envenenando-o” (Wilson Knight, 1930, p. 96).

Como a conspiração começa a funcionar, Otelo começa a duvidar de Desdêmona e pergunta-se por que se casou:

*Oh, a praga do casamento,
podemos chamar essas delicadas criaturinhas de
nossas,
e não serem nossos os seus apetites! Preferiria ser um
sapo,
vivendo dos vapores de uma masmorra,
do que manter um cantinho no objeto de meu amor
para uso dos outros.*

(Otelo, III, iii)¹¹

10 “I therefore beg it not / To please the palate of my appetite, / Not to comply with heat—the young affects / In me defunct—and proper satisfaction; / But to be free and bounteous to her mind.”

11 “O curse of marriage, / That we can call these delicate creatures ours, / And not their appetites! I had rather be a toad / And live upon the vapour of a dungeon, / Than keep a corner in the thing I love / For others’ uses.”

Como a incerteza torna-se insuportável, ele começa a exigir provas de sua infidelidade:

Infame vilão, certifica-te de provar que minha amada é uma rameira.

Certifica-te disso. Fornece-me a prova ocular.

(Otelo, I, iii, p. 360)¹²

Sua mente começa a ser preenchida com pensamentos obscenos:

Foram eles primitivos como bodes, incendiados como macacos, salgados como lobos no cio.

(Otelo, I, iii, p. 405)¹³

A deterioração da mente de Otelo, à medida que se contamina pelas projeções invejosas de Iago, fica clara na fragmentação de sua linguagem: “Droga! Narizes, orelhas, lábios... Será possível?... Confessar! O lenço... Oh diabo!”; “Fogo e enxofre”.¹⁴ “Bodes e macacos” [Otelo, IV. I, 255]. Momentos de pesar melancólico, como em “Mas, ainda assim, que pena isso tudo Iago”; são seguidos por selvageria! “Vou cortá-la em pedaços”. Iago triunfou em seu desejo de transformar amor em ódio, por meio da corrupção absoluta da mente de Otelo: ele livra-se do sofrimento invejoso diante da visão do amor por meio de um contínuo e brutal “tamponamento” da mente de Otelo com obscenidades. A corrupção é apenas

12 “Villain, be sure to prove my love a whore! / Be sure of it; give me ocular proof.”

13 “Were they as prime as goats, as hot as monkeys, / As salt as wolves in pride.”

14 Expressão idiomática referente aos sinais da ira de Deus no Velho Testamento. Aparece também em referência ao destino dos infiéis. Evoca o odor de atividade vulcânica [N.T.].

temporária: Otelo comete suicídio após o assassinato, porque se tornou são novamente.

O “tempo duplo” da realidade e da fantasia

As três “cenas primárias”, as únicas noites que Otelo e Desdêmona passaram juntos como casados, parecem se combinar, na medida em que nos remetem àquilo que nós, espectadores, experienciamos como três dias consecutivos (embora de fato a viagem marítima de Veneza a Chipre separe a primeira noite da segunda). O impacto da sedução de Iago e corrupção de Otelo e sua consequente loucura acontece entre a segunda e a terceira noite: na primeira há uma união, porém não consumação devido à interrupção orquestrada por Iago. Na segunda, igualmente interrompida, há uma união e (provável) consumação, e na terceira há o assassinato na cama arrumada com os lençóis de casamento (com os quais Desdêmona, como que prevendo sua morte, pedira para que Emília fizesse sua mortalha). Simbolicamente é sempre a mesma cama de noite de núpcias.

Desse modo, a transformação da cena primária de amor em assassinato acontece em um contínuo que é sentido quase como um tempo real na imediatez da peça. À medida que a tragédia inevitável se desdobra, passado, presente e futuro são apenas ontem, hoje e amanhã. Mas, uma trama de mais longo prazo está presente simultaneamente, ainda que para os espectadores isso não pareça ilógico e seja dificilmente percebido. De fato, essa estranha anomalia não é necessariamente percebida, mesmo quando lendo a peça cuidadosamente.

Por exemplo: Desdêmona, com quem Otelo acabara de se casar como virgem, torna-se “aquela astuciosa meretriz de Veneza” que

vinha tendo um caso de adultério com Cássio – embora não houvesse tempo possível para que isso pudesse ter acontecido. Emília alega que seu marido Iago pediu-lhe “uma centena de vezes” (III, iii) para roubar o lenço, que havia se tornado do interesse de Iago há pouquíssimo tempo. Ao se referir ao “sonho de Cássio” – que ele forjou como “prova” – Iago diz: “Tenho dormido com Cássio ultimamente” (III, iii); em “outro tempo” Brabância fica doente e morre, e mudanças políticas acontecem em Veneza, que incluem Otelo recebendo ordens para retornar a Veneza (IV, i) E, perto do fim, Otelo diz:

*É uma pena. No entanto, Iago sabe
que ela e Cássio cometeram
o ato da vergonha mil vezes.
(Otelo, V, ii)¹⁵*

Ainda que certamente Otelo estivesse exagerando por causa de sua raiva, um sentido de um longo passado está claramente implícito.

As causas para este duplo tempo fizeram intensamente parte de debates críticos por séculos (Allen, 1968). Qual é seu significado? Foi um erro de Shakespeare ou produto de um gênio? No meu entender, isso exprime o duplo tempo da realidade e da fantasia: Iago, levado pela inveja maligna, está submetido a uma necessidade de destruir o amor por seu constante e, em última instância, exitoso ataque à cena primária que invade sua mente: o amor é insuportável e deve ser destruído. Para o estranho ciumento/invejoso, a cena primária está permanentemente no presente e é

15 “’Tis pityful, but yet Iago knows That she with Cassio hath the act of shame / A thousand times committed.”

onipresente, tendo então, que ser continuamente atacada; assim, no “lugar” que ocupa no mundo interno é para sempre “ainda agora, agora, nesse instante”. Para nós analistas por um lado, parece natural a coexistência de um longo espaço de tempo no qual eventos comuns se seguem e desenvolvimentos acontecem, e simultaneamente, por outro lado, um poderoso e infinito tempo presente em que uma terrível perturbação se repete e se repete, sem nunca mudar. Não há tempo no inconsciente, nem no processo primário, como Freud descobriu. Mas, podemos ver também a ligação com a questão do tempo na conceptualização de inveja de Klein: Erna, como Iago, não pode suportar a visão do amor, presumivelmente porque não há continuidade interna em seu senso de estar conectada e desconectada, como acontecia com o bebê no seio. Em vez disso, a mente está presa na tortura da exclusão. Erna, quando melhora, diz: “mãe não é de fato aquilo, é?” Iago, “na realidade” tem uma esposa amorosa.

Shakespeare retrata em Iago, uma mente que não pode suportar a visão do amor e deve, portanto, destruí-la, de modo que ela não só deixe de existir, como também *já* tenha existido. Se, a inveja provar que todo amor é uma farsa, então o passado em que ele uma vez existiu também cessa de existir. Esse tipo de fantasia onipotente destrói o tempo. A provocação a essa visão literalmente insuportável é o amor romântico ideal. É o fato de Otelo e Desdêmona serem, do ponto de vista externo, “incompatíveis” tanto racialmente, como em idade (muito mais incompatíveis que Romeu e Julieta, acoçados por feudos familiares, mas por outro lado, iguais), o que torna o direito a um amor perfeito mais poderoso e, portanto, mais insuportável. Pelo fato de a “trivialidade” lenço, essencial à trama, estar fundamentada e ser simbólica, a versão criativa da cena primária parental devia contribuir para a inveja: a mãe de Otelo tinha-lhe dado o lenço, que estava destinado a ser dado à mulher que ele amasse – o mesmo tinha sido um presente

de seu pai, o que também é uma reminiscência do seio, branco e bordado com morangos; em outra versão, ele teria sido dado à mãe por uma mulher – uma cigana mãe “mágica” que o tecera. (Manchas vermelhas no tecido branco são também, certamente, prova da virgindade na noite de núpcias – ver Cavell, 2003.)

O sucesso da dupla amorosa, “emparaisados nos braços um do outro”, (eu cito Milton na fala conscientemente invejosa de Satanás sobre a insuportabilidade da visão “daqueles dois, emparaisados nos braços um do outro, ventura sobre ventura” como a melhor descrição do que Iago veria se, por um momento, ele tivesse interrompido seu esforço planejado para rebaixar o amor) emprega, portanto, uma identificação com uma dupla parental exitosa cuja relação sexual produz uma criança querida: Otelo, o amante feliz, é também a criança amada de sua mãe. Assim, tudo que é dele é vivido por Iago como provocando inveja. Em contraste, Cassio é capaz de reconhecer e aceitar isso – o que talvez seja o que faz Iago dizer a coisa mais iagonesca sobre ele: “ele continua tendo em sua vida uma beleza cotidiana a qual me torna feio”.

Em termos do desenvolvimento, a criança excluída que pode suportar o sentimento de ciúme, “anseia” pela recuperação do paraíso nos braços da mãe. Quando a inveja é maior, a “visão atormentadora” é insuportável e, assim, é abortada. Ela é diminuída pelo desprezo, falsificada, roubada de suas boas qualidades; é conscientemente experienciada como uma farsa. Bem antes de escrever “Inveja e gratidão”, Melanie Klein mostrou isso muito claramente no caso da pequena Erna: em seu desespero, Erna não acredita na realidade dos sentimentos de amor: ternura é uma farsa. Assume-se que culpa e desespero inconscientemente se seguem, o que precisa ser sempre mantido à distância pelo triunfo maníaco, perpetuando a situação em que nenhuma boa cópula tem permissão para existir.



Revisitando “Inveja e gratidão” convida o leitor àquilo que o título sugere: como seria retomar esse artigo genial, revisá-lo, repensá-lo depois de cinquenta anos de teoria e clínica inspiradas por ele e, ainda, por meio de contribuições de figuras pós-kleinianas tão expoentes na atualidade? Esta é uma seleção de peso, reconhecidos autores que, a partir da clareza que somente o tempo pode proporcionar, pontuam questões essenciais que foram sendo formuladas em torno dos conceitos de inveja e gratidão, questões que nos inquietam e que estimulam uma clínica criativa e pulsante. Imperdível e inspirador para seguirmos avante, revisitando.

Nina Lira

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-036-2



9 786555 060362

www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Revisitando "Inveja e gratidão"

Priscilla Roth, Alessandra Lemma

ISBN: 9786555060362

Páginas: 384

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2020
